



ITAPARICA
Canhoneira

Incorporação: 24 de dezembro de 1824.

Aprisionada: 22 de julho de 1839.

Embarcação de madeira e de propulsão a vela, das chamadas "Barcos de Carvoeira", que, em 1825, o Arsenal da Bahia adaptou convenientemente, com armação de Escuna, para Barca Canhoneira. Para seu Comandante havia sido nomeado, em 24 de dezembro de 1824, o Segundo-Tenente Bernardo Sena Araújo, nomeação que ficou sem efeito. Recebeu o nome da heróica Ilha da Bahia, baluarte dos batalhadores da Independência.

Possuía as seguintes características: 62 pés de comprimento; 20 pés de boca; 7 pés de calado. Foi artilhada com cinco peças e guarnecida com 35 homens.

Chegou ao Rio de Janeiro procedente da Bahia, em 1º de janeiro de 1826, sob o comando do Segundo-Tenente Joaquim Leal Ferreira. Zarpou para Montevideu em 13 de janeiro do mesmo ano, chegando ao Prata em 2 de fevereiro. Voltou ao Rio de Janeiro em 12 de março, com 22 dias de viagem e a notícia dos encontros vitoriosos de *Corales*. Em 22 de março retornou ao Prata. Suspendeu de Montevideu, para combater o inimigo que rondava o porto em 1º de abril, regressando à tarde, depois de expulsá-lo. Passou a fazer parte da Segunda Divisão da Esquadra (Chefe Norton). Participou das ações de 23 e 25 de maio de 1826 e no combate de 11 de junho, já sob o comando do Primeiro-Tenente Petra de Bittencourt. Bateu-se ainda em 29 de julho. Participou do combate de Monte Santiago, em 7 e 8 de abril de 1827.

Finda a guerra, foi utilizado como correio. Em 1832, estava no Espírito Santo, em mau estado de conservação. Em dezembro de 1832, entrou em reparos que terminou em fevereiro de 1833.

Foi comandado pelo Segundo-Tenente Manuel Lopes Pinhal. Pelo Aviso de dezembro de 1833, assumiu seu comando o Primeiro-Tenente João Alves Carqueja. Saiu em 7 de fevereiro de 1833. Entrou em 18 de abril; saiu em 2 de julho; entrou em 14 de agosto; saiu em 23 de setembro; entrou e saiu em 15 de dezembro; entrou no dia 21; partiu em 26 de fevereiro



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



de 1834; partiu em 3 de agosto para Santos e regressou em 29 de setembro; saiu com o mesmo destino em 17 de outubro e retornou em 28 de novembro.

Em 3 de fevereiro de 1834, assumiu seu comando o Primeiro-Tenente Sebastião Roque da Cunha. Entrou em reparos em maio de 1835.

Em 1836, estava no Rio Grande do Sul. Em 14 de dezembro desse ano, assumiu o seu comando o Capitão-Tenente João Nepomuceno de Menezes, que o deixou em 21 de março de 1837. Ao destacamento de Artilharia de Marinha embarcado nesse navio, por ato de 30 de março de 1837, mandou-se entregar 35 espingardas e 100 cartuchos com o competente correame.

Por provisão do Vice-Presidente de Santa Catarina, de 13 de janeiro de 1838, foi nomeado para seu Piloto, Agostinho Rodrigues Garcia e em 9 de julho do mesmo ano entregou o seu comando, ao Primeiro-Tenente Ernesto Alves Muniz Barreto, recém chegado do Rio de Janeiro.

Em março de 1836, seguiu para o Sul (Rio Grande). Em 1837, foi condenada por incapaz. Foi, no entanto, mandada para Laguna, sob o Comando do Piloto Francisco de Souza (em novembro de 1838). Em fevereiro de 1839, foram recolhidos a bordo os petrechos de guerra do pequeno Forte da Barra da Laguna. Em 5 de julho do mesmo ano, velejou até Campo Bom, levando a bordo o Coronel Villas Boas, a fim de repelir os rebeldes do Rio Grande (Farrapos), que invadiram o litoral da Província de Santa Catarina. No dia 22, foi tomada, sem grande resistência pelo inimigo, que lhe deu o nome de *Libertadora*. Teve também o nome de *Rio Pardo*. Era a Capitânia de *Garibaldi*, quando, no combate que aconteceu em 15 de novembro de 1839, a esquadilha do Chefe Frederico Mariath, depois de forçar a Barra da Laguna, esmagou a esquadilha inimiga, sendo esta escuna incendiada.



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

